

POLÍTICA, GESTÃO E SAÚDE MENTAL: O IMPACTO DO⁽¹⁾. CAPITALISMO E NEOLIBERALISMO NA SAÚDE MENTAL, A PRODUÇÃO DE DESIGUALDADES E AS REVERBERAÇÃO DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE.

**Cosma Pereira da Silva⁽²⁾; Eduarda Thayná de Oliveira Santos⁽³⁾; Sol Tereza Magalhães
Guerra⁽⁴⁾; Hudson Walker Simão Carneiro⁽⁵⁾; Zyon Lars Paiva Oliveira.**

- (1) Trabalho desenvolvido no Programa de Iniciação Científica (PIC) da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP;
- (2) Discente do Curso de Psicologia; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar-FACEP; Venha-Ver, Rio Grande do Norte;
cosminhas88@gmail.com
- (3) Discente do Curso de Psicologia; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar- FACEP; Martins, Rio Grande do Norte;
dudasantos061203@gmail.com
- (4) Discente do Curso de Psicologia; Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar Oeste Potiguar- FACEP- Iracema, Ceará;
Solmagalhaesguerra@gmail.com
- (5) Professor Orientador, Mestre (PLANDITES/UERN) e docente do curso de Psicologia; Faculdade Evolução Alto Potiguar-
FACEP;
hudsonwalkerpsi@gmail.com
- (6) Professor Orientador, Especialista (FAVENI/BRASIL) e docente do curso de Psicologia; Faculdade Evolução Alto Oeste-
FACEP.
zyonlars.psi@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Sofrimento Psíquico; Interseccionalidade; Subjetividade; Determinantes Sociais de Saúde.

INTRODUÇÃO

A racionalidade neoliberal, conforme (Dardot; Laval, 2016), ultrapassa o âmbito econômico para se configurar como uma "nova razão do mundo", que impõe ao sujeito a lógica de se intitular como "empresário de si mesmo". Essa lógica produtivista, centrada na autovigilância e na transformação do indivíduo em capital humano, impacta diretamente a saúde mental, que passa a ser formada pela urgência da eficiência e da adaptação ao mercado. Assim, determinantes estruturais do sofrimento psíquico são negligenciadas em favor da rápida remissão dos sintomas, favorecendo a reinserção do sujeito na dinâmica capitalista.

Nesse contexto, surgem as denominadas "patologias do desempenho", como a síndrome de Burnout e a depressão por insuficiência, que se articulam ao conceito de "realismo capitalista" (Fisher, 2020), onde a ausência de alternativas ao sistema despolitiza o sofrimento e gera impotência reflexiva.

A distribuição desigual do desgaste psíquico evidencia as interseccionalidades de classe, raça e gênero. Safatle *et al.* (2021) destacam a precarização laboral como fonte de estresse

crônico, enquanto David (2024) evidencia o impacto do racismo estrutural na saúde biopsicossocial. Coelho e Neves (2023) aponta para o esgotamento das mulheres decorrente do trabalho de cuidado invisibilizado, que sustenta a acumulação capitalista. Frente a esse cenário, Alves (2025) defende a necessidade de uma práxis emancipatória que supere o reducionismo medicalizante do capitalismo tardio e enfrente as condições sociais que moldam o sofrimento contemporâneo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo, realizada a partir da análise de obras acadêmicas, artigos científicos e documentos que discutem a relação entre política, gestão e saúde mental, com ênfase nos impactos do capitalismo e do neoliberalismo. Conforme Marconi e Lakatos (2003), essa abordagem permite o levantamento e documentos a sistematização do conhecimento já produzido, em obras acadêmicas, artigos científicos oferecendo subsídios teóricos necessários para a compreensão crítica do objeto de estudo. O caráter qualitativo da investigação se justifica pela busca da análise das desigualdades sociais e suas reverberações em termos de gênero, raça e classe. Conforme os autores, a abordagem qualitativa justifica-se pela busca da análise profunda das desigualdades sociais e complexas reverberações em termos de gênero, raça e classe.

O levantamento bibliográfico foi realizado por meio de um percurso metodológico, envolveu a busca em bases de dados reconhecidas, como Google Acadêmico e Scielo, utilizando descritores centrais como “neoliberalismo”, “saúde mental” e “intencionalidade”. Como critérios de inclusão, foram selecionados trabalhos publicados entre 2016 e 2025, abordando diretamente os impactos do capitalismo tardio na subjetividade contemporânea. Foram excluídos estudos que não apresentam relação direta com os marcadores sociais. A decomposição dos dados foi conduzida por meio da identificação de núcleos sentidos nas de autores fundamentais como Dardot e Laval (2016), Fisher (2020), Safatle *et al.* (2021), David (2024), Coelho e Neves (2023) e Alves (2025).

No que tange às questões éticas, o trabalho pauta-se no rigor científico e na integridade acadêmica. Foram respeitadas fielmente as ideias originais dos autores e desenvolvidos no decorrer da discussão, garantido a atribuições corretas de suas autorias por meio de citações diretas e indiretas. As obras consubstanciam como base argumentativa para sustentar a análise crítica proposta, assegurando a transparência e evitando qualquer forma de plágio em todas as etapas da investigação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fundamentadas nas leituras selecionadas, as constatações indicam que o neoliberalismo opera como uma "nova razão do mundo", impelindo o indivíduo a portar-se como um "empresário de si mesmo" (Dardot; Laval, 2016). Esse cenário, que funciona como um sintoma social em vez de uma disfunção orgânica, impõe uma autovigilância constante que transforma o sujeito em "capital humano" refém de uma performance ininterrupta. Historicamente, a gestão de saúde mental tem raízes em uma psiquiatria, frequentemente prioriza o isolamento dos sintomas para fins de normalização. Sob ótica neoliberal, essa tendência acentua-se ao negligenciar suas causas estruturais para focar na remissão célebre de sinalizadores, visando o retorno do "consumidor psíquico" à engrenagem produtiva. Tal fenômeno é agravado pelo 'realismo capitalista' de Fisher (2020) que gera uma "importância reflexiva" na qual o sujeito, embora reconheça o caráter adoecedor estrutural, internaliza o sofrimento como uma falha individual e óbice de gestão pessoal.

Aprofundado este crivo, mediante a obra de Safatle et al. (2021), compreende-se o realismo capitalista estabelece uma forma de vida baseada na gestão do risco e na precariedade, o que despolitiza o desgaste psíquico e o distribui de forma assimétrica. A interseccionalidade revela-se crucial neste ponto, pois os marcadores de classe, raça e gênero determinam diferentes níveis de exposição ao sofrimento e ao desamparo social. No eixo da classe, precarização laboral gera uma "insegurança" ontológica (Safatle; Dunker; Silva Junior, 2021), convertendo a incerteza financeira em estresse crônico. Mediante a perspectiva de raça, David (2024) salienta produz um "desgaste alostático", tornando a saúde um campo de resistência antirracista frente à desumanização de corpos negros.

Complementarmente, no recorte de gênero proposto por Coelho e Neves (2023), observa-se, acumulação de funções nas jornadas produtivas resulta em uma exaustão feminina frequentemente lida como déficit de produtividade em vez de exploração social. Este esgotamento advindo de um labor reprodutivo não remunerado que sustenta a extração de mais-valia. Em suma, o realismo capitalista apoia-se na exploração de corpos marginalizados, exigindo, conforme Alves (2025), uma práxis emancipatória que rompa com reducionismo a medicalização do moderno-tardio e resgate a dimensão política do cuidado e do sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os objetivos deste estudo foram alcançados ao possibilitar a compreensão crítica dos impactos do capitalismo e da racionalidade neoliberal sobre a saúde mental, evidenciando que o sofrimento psíquico está diretamente relacionado às desigualdades sociais atravessadas por marcadores de gênero, raça e classe. A pesquisa permitiu refletir sobre os limites das abordagens individualizantes e medicalizantes do adoecimento psíquico, destacando a necessidade de considerar os determinantes sociais na construção de práticas de cuidado mais humanizadas e emancipatórias.

Além disso, ressalta-se que a análise desse tema apresenta desafios devido à sua complexidade e às múltiplas dimensões sociais envolvidas, especialmente diante das constantes transformações nas relações de trabalho e subjetividade contemporâneas. Nesse sentido, o estudo contribui para o fortalecimento do debate acadêmico e social acerca da saúde mental, incentivando reflexões críticas sobre políticas públicas e práticas de cuidado, bem como possibilitando a ampliação de pesquisas futuras voltadas às experiências de grupos socialmente vulnerabilizados e às estratégias coletivas de enfrentamento do sofrimento psíquico.

REFERÊNCIAS

ALVES, T. M.. Classe, raça e gênero na Reforma Psiquiátrica: particularidades da formação social brasileira. **Revista Em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 59, 2025.

COELHO, L; NEVES, T.. **Sofrimento psíquico no neoliberalismo e a dimensão política do diagnóstico em saúde mental**. Saúde e Sociedade, São Paulo, v. 32, n. 3, 2023.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVID, E. C. VICENTIN, M. C. G. SCHUCMAN, L. V.. Desnortear, aquilombar e o antimanicolonial: três ideias-forças para radicalizar a Reforma Psiquiátrica Brasileira. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 3, 2024.

FISHER, M.. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** Tradução de Rogério Bettoni. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M.. Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 9. ed. São Paulo: Atlas, 202

SAFATLE, V. DUNKER, C.; SILVA JUNIOR, N. **Neoliberalismo como forma de vida**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.